



new order
TECHNIQUE



recontado por **RICARDO GIASSETTI**



VOLUME 2

TECHNIQUE

new order

recontado por **RICARDO GIASSETTI**

revisão **XXXXXXXXXX**

projeto gráfico **DELFIN**

diagramação **XXXXXXXXXX**

projeto gráfico **DELFIN**

projeto gráfico **DELFIN**

dezembro de 2006

FINE TIME

Sobre a superfície do planeta que seus habitantes chamam de Terra, vive Johnny. Às nove e meia da manhã, nesse país que ele escolheu como lar, a estrela do sistema brilha forte sobre a camada atmosférica azulada. Aproximadamente cinco milhões de toneladas de hidrogênio e hélio são consumidas por segundo em reações nucleares para que a exata quantidade de calor viaje oito minutos no vácuo e aqueça a janela do seu quarto para que ele se incomode o suficiente a ponto de acordar antes que complete duas horas inteiras de sono.

Balada durante a semana tem seus inconvenientes. Johnny abre os olhos, sente seu corpo suado sob o edredom e se vê sozinho na cama. Enquanto começa a desembaralhar os sentidos, ele lembra que a festa não foi de todo ruim. A parte boa é que não faltaram drogas. A ruim é que ele fez merda de novo. Que idéia é essa que os machos *homo sapiens* têm de se jogar pra cima da primeira que aparece? Era uma armadilha, ele devia ter percebido. Johnny namora Clara, e ela não é uma namorada qualquer porque Clara não é uma mulher qualquer.



Fran simplesmente jogou seu corpo pós-adolescente, firme e macio em cima dele. Johnny ama Clara.

Johnny olha em volta, mas o despertador não está à vista. Ele tateia o chão e o encontra debaixo da cama. Nove e meia passada. Fodeu o trampo, já perdeu uma reunião às dez. Se arrastar até a janela não é moleza, ainda mais se sentindo o mais irresponsável dos homens. É uma tortura quando a luz do sol ardido brilha insolente encolhendo a retina como um polvo assustado. Um céu azul da cor do céu mais lindo que se poderia imaginar o faz odiar o gosto metálico na boca. A dor nos músculos do pescoço é sinal de que as anfetaminas correram nas suas veias como os carros em Le Mans, horas a fio. Ainda dá pra sentir neurônios pipocando como fogos de artifício. Mas Johnny tem uma vida boa, uma casa boa. Tem um grama-do verde claro e árvores com flores amarelas logo abaixo do seu terceiro andar. Ele tem a sensação de que perdeu Clara num dos dias mais belos desta translação.

No banheiro, olhando no espelho com a boca cheia de espuma, Johnny se insulta silenciosamente.



ALL THE WAY

Quando dá partida no carro, sua vontade é encher o tanque de combustível perpétuo e dirigir a duzentos por hora para sempre. Johnny pegaria a estrada ladeada de eucaliptos e faria os mourões das cercas virarem um borrão contínuo dos dois lados. Berraria a letra da música da sua vida para se lembrar da noite miserável sem ter que lembrar realmente. O sol brilharia forte do mesmo jeito, mas a velocidade tornaria tudo mais fresco, até que o sol fosse ficando cada vez mais tímido e a noite caísse. Ele acenderia um cigarro depois de três anos sem fumar e finalmente entenderia sua natureza egoísta. Aceitaria suas falhas e saberia finalmente como explicar isso às pessoas que ama e magoa.

Deveria haver uma bula, um guia atestado pela Comunidade Internacional, que lidasse com questões como essas. Procedimentos simples para situações complicadas da vida cotidiana seriam a salvação de muitas almas e paixões se transformariam em amores com mais frequência. A humanidade já tem informação suficiente para compilar esse tomo. Enquanto nin-



guém se dispõe a publicar uma obra como essa, a melhor saída ainda é pegar no telefone e dar a cara a tapa. Mas Clara não atende. Não importa: ele sabe onde ela vai almoçar hoje. Johnny pensa que a cada segundo perdido, cinco milhões de toneladas de matéria são incineradas no núcleo da estrela mais próxima. Definitivamente, não há tempo a perder.

Com o pé afundado no acelerador, Johnny segue indelével para o prédio espelhado no centro da cidade. Ao fazer o mesmo caminho de sempre, dobrar as mesmas esquinas e reconhecer gente desconhecida nas calçadas, o cotidiano anestesia as borbulhas dos pensamentos atribulados. O inferno de encontrar uma vaga para estacionar acaba sendo um paliativo. O saguão, o leitor digital, o elevador, a Jane da recepção. Uma brisa de mesmice querida é inalada pelos buracos do nariz, inflando os pulmões de paz. Um pouco de ácido ainda em ação exalta detalhes mundanos, cores que em outros dias pareceriam pastéis. Hoje é um dia iluminado, apesar dos pesares. Johnny não entende por que, mas sente. E ele se pergunta, tomado por essa epifania inédita, como é que alguém mundano como ele pode ter tomado consciência de algo tão subjetivo em um ambiente tão vulgar. Obviamente que isso também pode ser apenas uma viagem temporária que será esquecida em poucas horas. É uma



mudança de pensamento bem-vinda que Johnny sabe que mudará a maneira como ele vê a vida. Clara é tudo o que importa agora. Não Jane. Jane está esperando o retorno do seu 'bom dia' há um minuto e quinze segundos. E você sabe que um minuto e quinze segundo de silêncio é uma eternidade. E, ao que tudo indica, Jane esperará o 'bom dia' de Johnny pelo resto da eternidade.

Assim, Johnny não passa mais que dois metros do balcão de Jane. Ele dá meia-volta, passa por Jane, desce pelo elevador, passa pelo leitor digital e sai para a rua. Ao entrar no carro, decide que vai transformar o tanque quase cheio em dióxido de carbono até a hora do almoço. Não é preciso ser gênio para ver que alguma coisa mudou dentro dele. O pavor de que Clara lhe dê um pé na bunda faz Johnny lembrar de quando perdeu Mini, a mulher que mais amou na vida. Então, ver as coisas tão coloridas assim vai atenuar a dor da perda iminente. Ele já está preparado para o pior.



LOVELESS

Clara está sentada na mesa 3 do Paradise. Johnny não precisaria nem olhar onde está pisando. O Paradise é seu quintal desde adolescente. Ele puxa uma cadeira e não se importa em perguntar à Clara se pode sentar. Clara não se digna a levantar os olhos da salada mista:

– A gente precisa conversar, amor.

Uma pausa tensa, longa, ao som de vozerio e talheres tilintando.

– A gente não tem nada pra conversar. Amor.

Calma Johnny. Respira fundo. Você sabia que não seria fácil.

– Eu não suporto ficar assim com você. Sem poder olhar pra você o tempo todo. Sem poder te ligar quando meu dedo coça.

– “Você” não suporta. O “eu” tem lugar cativo como primeira palavra das suas frases, já percebeu?

– Não, Clara. Eu sou—

– Olha ele aí de novo!

– Eu. Eu...

Ela continua comendo calmamente, remedando cada “eu”



dito por Johnny e intercalando-os com garfadas de alface. A calma de Clara deixa Johnny atônito, até que ele finalmente vomita:

– Eu sou um cara legal. Eu gosto de você e foi tudo um mal entendido.

Clara faz o contrário dos cowboys comuns. Ela age como o melhor pistoleiro de todo o Velho Oeste, disparando primeiro e olhando nos olhos depois.

– Johnny, você comeu a Fran em casa. Dentro de casa. Comigo lá.

– Comi, mas você sabia. E o ponto não é esse. Começa antes.

– Sei, vai reclamar do meu trampo e da festa de sexta.

– Bom, eu só fui sozinho pra festa de sábado porque você preferiu sair na sexta com a Val e deixou seu trabalho pra sábado. Que—

– De novo não, Johnny.

– Que, com licença, era uma balada que tínhamos combinado duas semanas atrás, última vez que o Wagner toca antes de ir pra Dinamarca. Pra piorar era uma cagada da sua amiga que, diga-se de passagem, é casada.

– Isso realmente é problema dela.

– Dela! Exato. Não meu, nem seu. De-la.





- Eu tive de ir porque o cara comprou—

- Comprou uma passagem pra vir conhecer a mina com quem ele falou por um ano na internet e ela nunca contou que era casada.

- A Val tem—

- Ela tem a cara de pau de pedir que a minha namorada vá com ela conhecer o cara num encontro às escuras. E eu não posso ir com a minha namorada porque a amiga dela vai ficar constrangida porque eu conheço o marido dela. E, claro, ela não quer que eu olhe para o marido dela pensando na palavra ‘cor-no’ o tempo todo. Então ela me proíbe de sair com a minha própria namorada.

- Você achou o absurdo de que ela ia convidar um outro cara pra ficar comigo no encontro—

- Bom... se ela faz o que faz com o próprio marido, que tipo de cuidado eu devo esperar que ela tenha comigo? Ela pensaria duas vezes em me foder? Nada me garante que o mancebo dela não traga outro mané pra ficar com você.

- E você acabou indo sozinho no sábado e trouxe a Fran pra sua casa.

- Você ficou em casa com o trampo atrasado porque saiu de balada na sexta com a Val. E, lembre-se, eu perguntei se você

queria transar com ela também.

- E eu disse que não. E você comeu ela na sala mesmo assim.

- Você tava dormindo na cama.

- Sai daqui.

- Eu tava puto porque a minha namorada não foi pra balada comigo porque teve que sair com a amiga e o amante um dia antes. Eu—

- Você.

- Eu...

- Você. Sempre você.

- Eu sabia que eu nunca poderia dar pra você o que você queria. E eu sei que você nunca vai me perdoar por isso.

Com essas palavras que escorregam boca a fora, João entendeu, um milionésimo de segundo depois, que tinha apertado o botão do juízo final. Agora já era tarde. Os mísseis já haviam deixado os silos e voavam em direções variadas pelo céu azul. Tudo isso, essa conversa, já estava condenada. Johnny e Clara, a essa altura, eram dois mortos-vivos se despedindo na encruzilhada West End / East End. Clara entendeu tudo isso no milionésimo seguinte, tempo suficiente para dez toneladas de matéria sejam incineradas sem misericórdia no coração do astro-rei.





Clara se levanta da cadeira, alisa a saia sobre as coxas mais gostosas que as de Fran. Com os olhos, ela liberta um “te odeio” flutuando no ar, direto para dentro das pupilas dele e o deixa com uma eterna dúvida. O que ele fez, exatamente, de errado? Perguntou se sua namorada queria transar com uma garota que trouxe da festa, ela disse não, ele comeu a Fran. Foi só sexo, igual ao que eles sempre faziam quando iam a uma balada e traziam alguém para uma brincadeira a três. Teria sido o fato de ter dormindo abraçado a Fran? Clara acordou de manhã e não gostou da cena na sala?

Johnny sabe ver quando uma mulher não está mais ao seu alcance. Foi assim com Mini e agora ele precisa lembrar exatamente como saiu daquela fossa para encurtar o sofrimento. Não era justo, mas Clara já era passado. O velho Johnny também era passado. E a porta do Paradise acaba de se fechar com um estrondo, atrapalhando o almoço de quarenta e duas pessoas.

ROUND & ROUND

Johnny mergulha na multidão dinâmica de pessoas que entram e saem dos restaurantes nessa hora de almoço. As cores ainda estão lá, ainda bem. Muitas cores, muita gente, muita pressa. O amarelo domina. Qual o sentido em ter pressa? Pra onde estão indo, no final da viagem?

Não há como saber se é bom ou ruim ser demitido. A mágica da vida são os imprevistos. Ser empregado é estar acorrentado, cercado de pequenos cadeados e imobilizado por algemas. A demissão pulveriza o aço das correntes. Serve de chave para todas as fechaduras. É uma libertação sofrida e insondável. Principalmente num dia como este, quando um fato tão repentino pode significar uma muda forçada. Ele pensa no chefe que descontava seu fracasso na vida sobre o pessoal da agência. Alcoólatra, adentrou o mundo abstêmio quando contraiu o que ele chamava de 'hepatite b', na verdade uma cirrose. Impotente e incompetente, tinha mais pares de chifres na testa do que a sala de troféus do Charlton Heston e tinha mais trabalho em fingir competência do que realmente trabalhar. Johnny não





consegue ter raiva do infeliz porque sabe que há pessoas que vivem realidades paralelas no mundo real. Alguns são autistas, outros são como seu chefe. EX-chefe!

Planos não servem nessa hora. Não adianta se empenhar em encontrar um foco. Todos os planos que ele e Clara fizeram por anos agora estavam boiando na água da sarjeta, exatamente 26 horas depois da merda. Um cano estourado dois quarteirões acima jorra água limpa e leva todos os planos embora, sem exceção. Em 26 horas 486 bilhões de toneladas de matéria vão pra farinha só pra não termos que usar luz elétrica em metade do planeta. Ainda bem que a corrente alternada resolve o resto do dia. Liga nossos computadores, dá chance da guitarra gritar mais alto num show de madrugada. Energia. Hoje o New Order toca. Vamos comprar o novo CD do New Order para saber o que cantar na hora.

Uma boa loja de discos é a Loja do Esther. O cara é chapado em death metal, mas a loja segue adiante porque ele sabe que só esquisos durangos gostam do que ele gosta. Então, nas pra-teleiras, você encontra de jazzy gumbo a big bands; pop rock e rock pop; house music e goa (Goa?) trance; Atlantics e Skatalites. O cara tem um senso comercial seríssimo, mas um gosto musical pessoal terrível. Deve ser por causa do nome de mulher.

Isso deve ter causado um ambiente propício para o surgimento de um equilíbrio espiritual fino. Nos fundos, ele tem três cômodos de prateleiras de vinil. Na loja, é fácil encontrar o CD do New Order.

Johnny não percebe, mas a garota do caixa não tira os olhos dele. Nem por um segundo. Ela é nova no emprego, começou há três dias. Ela é linda, curvas deliciosas que preenchem os vestidos de chita que gosta de usar. Johnny está imerso no encarte do CD, tentando entender como os integrantes da banda conseguiram lançar outro disco depois de um disco perfeito.

- Hm. Technique, boa pedida. Eles estão fazendo um show hoje no galpão. Eu ainda estou sem companhia. E sou uma ótima trepada. São vinte e três e cinquenta. Cartão ou grana?

Johnny reconhece a voz. É Mini. A melhor trepada que ele já teve; a maior dor-de-cabeça que ele já conheceu pessoalmente. Aquela que o deixou realmente mal. Mas hoje era diferente. Ela era só uma ex gostosa, uma pusta amiga inteligente e louca de pedra. E Johnny agora lembra como saiu da fossa com Mini. Ele topou com a maior paixão anterior, Lina, e saíram para encher a cara e se entupir de pastilha. Olhando para o rosto perfeito de Mini, Johnny se lembra de que nunca a conheceu realmente.



GUILTY PARTNER

Agora que Mini está sentada ao seu lado no carro, Johnny pensa se não é mesmo ela a causadora de todos os males que se abatem sobre ele. Foi ela quem teve a idéia de começarem a experimentar coisas novas. Drogas, sexo e música, três péssimas idéias que pioram tudo exponencialmente quando juntadas por um agente catalisador. Drogas tradicionais são suficientes, não precisamos de novas. Sexo a dois é ótimo, a três ou treze a graça se perde. Música boa foi feita até meados dos anos 80, mais nova que isso é plágio, releitura ou porcaria. Foi Mini, de um jeito doce, quem apresentou a Johnny algumas delícias proibidas. E ele gostou. Quando Mini lhe deu o cartão vermelho, ele soube como apresentar as mesmas coisas para Lina. E quando começou a namorar Clara, foi esse o diferencial para pegá-la. Johnny pensa se isso não é como disseminar um vírus. E um monte de pontos brilhantes aparecem no ar, do nada, se espatifando no pára-brisas. Seriam os vírus? E agora, que acabou com Clara, ele pensa se não foi ele quem regou uma semente dentro dela que não deveria brotar. Três quarteirões



dali, Clara sente alguma coisa se mexendo dentro do seu peito.

Mas antes que Johnny se decidisse se era isso mesmo ou não, Mini mais uma vez o surpreendeu. Ela vira o rosto, desviando o olhar sonolento da janela e da paisagem urbana para olhar Johnny como se seu pescoço não sustentasse sua cabeça.

– Eu estava errada.

Uma frase dessa vinda de Mini é quase como a notícia de que finalmente o planeta vai se dividir ao meio como uma laranja no próximo sábado exatamente no Equador. Você sabe que há algo errado e que isso pode destruir a vida de muita gente. Johnny sabe que se Mini reconhece um erro, é porque já quer cometer outro.

– A que devo a honra de uma confissão tão direta?

– Demorou, mas eu admito que estava errada. Ferrei sua vida, te meti numa roubada. Sabe, parecia que eu estava enrolada em uma nuvem de poeira, suja, que não me deixava ver um metro adiante. Não via quem estava perto, do meu lado, e passava por cima. A fumaça não me deixava ver nem o dia seguinte, quanto mais um futuro, sabe? E quem se importava?

Johnny desvia os olhos da rua para Mini. Ela brilha com uma aura amarela de uns cinco centímetros. O interior do carro fica quente.



RUN

Depois das últimas apreensões de drogas no final da semana, os dealers estão na moita ou incomunicáveis. Agora é usar o que sobrou no estoque ou esperar os policiais da narcóticos encherem os bolsos nos depósitos e devolverem os comprimidos ao seu lugar de direito, a língua dos viciados.

Um show do New Order não pode ser assimilado em sua totalidade sem uma dose substancial de aditivos. E todos os recursos de Johnny haviam acabado ontem.

– Ei, nós vivemos a era punk, Johnny.

– Minha carcaça já não é punk faz tempo. Por dentro, ainda conservo um pouco do espírito. Tenho um molar podre e duas vezes por ano penso que a Anarquia é mesmo a melhor forma de governo.

Mini pega a bolsa de crochê esfiapada e, uma breve fuçada depois, tira um papel amassado de dentro da fornalha do desconhecido. Seu gesto é épico, como se estivesse retirando um cupom num sorteio de uma volta ao mundo com as despesas pagas. Johnny tem um insight de uma pagoda dourada desmo-



ronando no meio da floresta indonésia.

– E o que isso tem a ver com o fato de não termos nada além de dois baseados e meio ecstasy?

– Do it yourself.

Aquilo era uma receita caseira. Entre os ingredientes, compostos químicos e material de limpeza.

– Eu conheço quem tem o que a gente precisa.

Hoje, pensa Johnny, apenas homens mortos pisam no pedal do freio. Por cinco milhões de toneladas de hidrogênio e hélio, ele pensa se deve ou não pisar no pedal do meio. Nesse um segundo, Johnny pensa se já não é mesmo um homem morto. Mas o verdadeiro animal deve seguir as regras do instinto e lutar contra a cova. Em sete minutos Mini e Johnny estão entrando num prédio que presenciou o começo da Revolução Industrial, passou por maus bocados nos anos 40 e 50, correu o risco de ser demolido e hoje é um símbolo de vanguarda entre os playboys da zona oeste.

A decoração do loft é toda esverdeada. Johnny vê abajures, tapetes e copos de refrigerante hypes em suas porcentagens de cor, distintas. Trinta de amarelo, cinqüenta de ciano. Setenta de amarelo, quarenta de ciano e um teco de magenta. O residente desse mundo celeste em CMYK é James Carola, o





designer gráfico mais procurado pelas bandas indies. Mini lhe dá um beijo de língua e esquece de apresentar Johnny a James. Johnny espera na porta do apartamento por quinze minutos até que Mini volta com alguns pequenos embrulhos. Johnny sente um gosto conhecido na boca. Um gosto que estava guardado em um compartimento esquecido na parte de trás da cabeça. Um gosto de nada. Absolutamente nada.

– Vê se guarda um pouco pra mim.

– Querido, isto deve servir de suprimento pra um batalhão.

James envolve o pescoço de Mini com a mão direita, por trás e com força, guiando sua cabeça na direção dos seus lábios. Outro beijo babado e, para terminar, uma apertada de deixar marca na bunda de Mini. Johnny faz a tradicional pergunta: “o que eu estou fazendo aqui?” E ainda faria essa pergunta mais quatro vezes nas próximas quatro horas.

Mais três visitas a amigos de Mini resolvem o problema dos ingredientes. Uma última, aos fundos de uma farmácia, arre-mata o quesito mais importante da noite. Agora a balada de Mini e Johnny no New Order está garantida.

Johnny pensa nas flores amarelas, no gramado verde e no céu azul da janela de seu apartamento. Ele lamenta porque o sol já começa a se pôr e as cores estão ficando menos vibrantes.

Onde está a sensação de que tudo está indo bem? E que sensação é essa que toma conta, um misto de memórias deprimentes e arrependimentos persistentes? Johnny se conhece bem em suas limitações. Ele sabe que isso só pode significar uma coisa. Ele está se apaixonando outra vez por Mini. Como ele pode ter esquecido Clara tão rapidamente e pular pela segunda vez de um prédio de cem andares?



MR. DISCO

Drogas caseiras são um perigo. Ainda mais as que contém produtos de limpeza. Assim que tiram as ampolas do microondas a festa começa. O efeito é quase imediato e o tesão toma conta em minutos. Não que fosse preciso qualquer outro estímulo para despertar a vontade de trepar como um bicho com Mini, mas as gotas quentes ajudam. Mini parece faminta, séculos passando fome e sede pelo único alimento que a satisfaz: o conteúdo das bolas de Johnny. Ela age como um assaltante de cofres. Se pudesse, iria direto ao ponto e abriria o saco com uma faca para beber de Johnny. Mas há trâmites, convenções essas que ela parece querer executar no menor tempo possível para saciar sua boca. E Mini sabe usar cada milímetro quadrado dos lábios, da língua, do céu da boca, dos dentes e da garganta. Ela sabe onde raspar ligeiramente as unhas enquanto as gotas quentes rugem como demônios nas veias de Johnny, indo e voltado na velocidade da luz de seu pau para o cérebro para empanturrar os neurônios com mais e mais estímulos. Johnny entra em um loop virtuoso que o leva dali até o núcleo do Sol,



que mostra cada átomo se partindo, um de cada vez, liberando quantidades impensáveis de energia e luz, que atravessam as camadas de metal derretido com violência, procurando o caminho de volta à superfície na forma de uma mancha solar, uma bolha de magma que explode, liberando ondas que viajam pelo vácuo e atingem em cheio a retina de pedestres desavisados atravessando a rua na hora do almoço.

Uma parte de Johnny viaja dentro e fora de seu corpo a 300 mil quilômetros por segundo, em um segundo, cinco milhões de toneladas viram luz e aquecem o sistema solar. Outra parte está calma e vê a tudo isso na terceira pessoa. Johnny sente a queda outra vez, satisfeito e desesperançado. Ele já sentiu isso antes e sabe como é. A gravidade é pequena, a queda é lenta. São cem andares, mas o tempo é quase infinito. Ele cai como espuma de sabão, podendo observar cada janela de cada andar do prédio. Cada pessoa que habita cada apartamento tem uma história que Johnny assimila. Ao invés de parecerem complicadas e tristes, as vidas parecem todas terem uma mesma direção, uma completa falta de sentido que no final explica todas as desgraças, idiotices e irresponsabilidades cometidas. Se todos somos feitos do mesmo pó das estrelas, se as estrelas brilham, incham, têm várias cores e morrem, então



nós também brilhamos, inchamos, trocamos de cores e morremos. E o resto de nós é devorado pelas estrelas que nascerão. As pessoas na rua emitem luz vinda de dentro de sua caixa torácica, do coração.

Johnny acorda de sua viagem cósmica, de roupa trocada, cabelo lavado e o cérebro borbulhando no meio da pista do New Order, na terceira música do show. Ele sabe qual música está tocando, mas nunca conseguirá lembrar exatamente qual era a trilha sonora desse momento que marcará sua vida. Do meio da multidão sacolejante surge um homem de bigode e costeletas. Os pelos na sua cara são tão definidos que se houvesse tempo daria para contá-los um a um mesmo a dois metros de distância. Os poros e rugas parecem delineados por um sombreado. Suas mãos parecem fora de proporção, maiores, com pelos crescendo como caules nas falanges, cutículas como cordas desenhando as unhas e as meia-luas. Os olhos são do mais profundo negro e, quando ele sorri, os dentes são perfeitos. Por entre as flores que estampam sua camisa, entre Citroëns e torres eiféis de cores diferentes, há uma névoa viva que ondula o tecido dando movimento real ao trânsito fabril de um logo só. Na rua, placas indicam a velocidade permitida, onde parar, onde estacionar. Uma deficiência no asfalto faz um dos Citroëns

jambrar. Na zona sul dessa Paris tecida por bilhões de fios de algodão, perto dos subterrâneos do cinto de couro, há algo guardado. Uma mão grotesca afasta um Citroën, fazendo revoar coisas que mudam de cor a cada flash dos refletores. Torres eiféis se dobram umas sobre as outras, fazendo o céu condensar as nuvens brancas em cúmulos cinzentos e ameaçadores.

Hook, do New Order, libera os acordes da música nos falantes. A saliência dos esgotos de Paris, um revólver cromado calibre 38, é retirada de seu coldre provisório no cós da calça. Os caules do indicador se dobram para trás quando o dedo se ajeita no gatilho. Da boca sob o bigode, um uivo quase inaudível abafado pela voz de Summer se liberta por entre os dentes de giz. Ao redor, o uivo é alto o suficiente para deslocar a atenção do palco para a arma. Os Citroëns andam mais e mais rápido em volta da torre. As flores murcham e inflam, cobrindo dezenas de gerações em poucos segundos. Mini está aqui? Era você mesmo, Mini? Eu encontrei alguém, afinal? O riff de Hook pára antes do final. Ele não está mais à vista no palco. O homem de Paris é encoberto por meia dúzia de pessoas e desmorona sob o peso ainda atirando. Os tiros continuam varando a carne de todos em volta. Dezenas, centenas de tiros disputam lugar contra o som das caixas, até que prevalecem. “Quero voar pra casa



mas não tenho forças para decolar. Um impulso. Alguém ouviu meu desejo?"



VANISHING POINT

Isto é real. Isto não é. Amarélio. Heliogênio. Hidrorelo. O sol, um urso negro persegue Johnny e seus amigos dentro de um hotel de doze andares no meio da noite, no meio de uma nevasca. Clara vomita sua salada, não a minha, Mini está e não está, está e não está. Grama verde, céu azul. O cérebro humano trabalha na mesma frequência do pulso do planeta. Não há tempo a perder. O saguão, o leitor, o elevador, Jane. Seu chefe, ex-chefe, quebrou as duas pernas esquiando e seu seguro não cobre o hospital. Há sangue por todo lado. As pessoas estão mortas no chão. De cada uma delas, emana amarélio. Sair com Mini seria uma boa, ele sabia e sabe. De uma forma torta, esquisita como sempre, mas foi bom. Está sendo bom, apesar dessa sangueira estapafúrdia no chão. Somos o que nosso passado construiu. Uma amálgama de fatos, presenças, pessoas, lugares, porquês, comos. Nos leva mais e mais para o alto, vamos nos construindo a cada momento. Ficando adultos sem deixar de ser criança. Espantando os demônios e criando outros.

A polícia invade, seguida por repórteres e paramédicos. Eles





pisam sobre os corpos, escorregam, caem, levantam e caem de novo. Os flashes das máquinas não alteram o tamanho das pupilas dos que estão no chão. O homem do bigode ainda segura a arma. Seu dedo preso ao gatilho começa a se mover outra vez. O revólver se eleva no ar, trazendo consigo o braço e levantando o tronco coberto pelo céu de Paris e tudo começa outra vez. Mais tiros, mais sangue mais mortos. E quando mais entrem, as balas de 38 estarão ali, eternas e infundáveis, para dar cabo de cada um deles. Esta é a sala final, o quarto 101, o umbral do guardião, de onde ninguém sai ou volta como entrou.

Sim, este é um grande dia. Isto é o que precisamos e queremos.

Agora, pensa Johnny, que desça a névoa. E jatos de fumaça de glicerina invadem todos os cantos, cobrindo os instrumentos no palco, as vigas do teto, vindo como que empurradas por um êmbolo, baforando e consumindo tudo e todos os cadáveres.

Um som grave e repetitivo pode ser ouvido durante o processo. Notas variam e de repente o guincho animalesco começa a ficar ritmado. O som que um canhão de luz faria, caso emitisse som, embarca numa bateria pop. É Morris. A fumaça se dissipa, todos os corpos evaporaram como uma gota de água na frigideira, subindo para o teto como vapor e chovendo sobre a

pista, com quedas de amigos, enxurradas de Minis, varais de camisas com Citroëns, torres e flores. A chuva não molha, Johnny está e não está. Este era o impulso que Johnny estava esperando. A confissão do universo, um assovio que encrespa as orelhas dos cachorros, muda a expressão em nosso rosto e estremece a estrela por dentro, seu único ponto maleável. Ela explode.



DREAM ATTACK



Nós damos uma ajuda a Johnny. O garoto merece. Limpamos tudo o que não precisa ser pensado agora. Liberamos espaço de informação para que as decisões sejam feitas com mais tranqüilidade. Guiamos os primeiros passos para tirá-lo da inércia em direção à saída de emergência. Seguramos seu rosto firme, para que não se vire e veja Mini e mais três caras amontoados na parede do lado do palco. Movemos seus dedos dentro dos bolsos até que encontre a chave do carro e grunhimos um 'boa noite' sóbrio para o segurança.

Providenciamos palavras boas em seus tímpanos, obviamente vibrações controladas que enganam o cérebro. E não que não pudéssemos entrar diretamente no sistema nervoso, mas poderíamos anular por demais o livre-arbítrio para corroborar a ação. É possível, ao invés de simplesmente ditar o que deve ser feito, dar condições exteriores para que o próprio Johnny decida o que queremos. Queremos que ele pense em como a luz do sol o acordou hoje, como uma melodia que parecia estar integrada com seu sonho e que serve como ponte entre

o sono e o despertar. Queremos que Johnny não esqueça as deduções que teve ao longo do dia, que apesar de serem duras, o elevaram. Johnny precisa lembrar de Clara como ela era. E querer ficar com ela. Devagar, vamos nos distanciando, deixando que o fluxo liberado aja por conta própria em conjunto com os próprios desejos de Johnny. A luz, o amor e o que olhamos e chamamos de Johnny, precisam seguir um caminho que responda melhor ao que cada um de nós deve fazer.

Os dedos de Johnny já são capazes de girar a chave no contato e ligar o motor. Seus olhos resvalam no marcador de combustível e está tão excitado que não caberia outro pingão no tanque. No caminho, lambem de relance no velocímetro, que vai até duzentos por hora. O pé direito pisa fundo, os pneus de trás cospem pedregulhos. Johnny está a caminho, munido de combustível eterno em busca de uma estrada ladeada de mourões e eucaliptos. Ele berra a letra de uma música inventada e só vê a faixa tracejada à sua frente sendo engolida pela boca de seu carro. Há também o retrovisor, mas Johnny o evita. Dos lados, os borrões já acompanham a jornada. Dos lados também há os retrovisores. Johnny não olha os retrovisores, não há mais nada do passado que mereça atenção. E espelhos não são objetos confiáveis desde a Antigüidade. Não há nada mes-



mo? Nem essa buzina? Essas piscadas de farol alto? Sem intermediários, os olhos de Johnny precisam ver. Não há carro nenhum vindo em seu encalço, só Clara, sentada no banco de trás, com o sorriso mais lindo que um homem jamais viu.

No núcleo do sol, 5 milhões de toneladas dos átomos mais simples do universo seriam mais que suficientes para registrar este último momento que temos com Johnny. Mas veja o lado bom. Pelo menos, deste lado, ainda é noite.



